

Graciliano Ramos

Cartas de amor a Heloísa

Reconstrução parcial documentada

30 de outubro de 2026

Resultado: duas transcrições do início à assinatura, uma transcrição extensa ainda sem confirmação de integridade e fragmentos das outras quatro cartas. A obra ainda não está integralmente reconstruída.

Este dossiê reúne o texto efetivamente recuperado, registra fontes e variantes e mantém visíveis as lacunas. Não substituí uma edição conferida com os originais.

Carta	Situação do texto
16/01/1928	Transcrição aparentemente integral
18/01/1928	Transcrição no site oficial, do início à assinatura
20/01/1928	Fragmentos; grandes lacunas
24/01/1928	Fragmentos; ordem parcial
31/01/1928	Fragmentos; carta localizada em inventário
04/02/1928	Transcrição extensa; integridade não confirmada
08/02/1928	Transcrição extensa com dois cortes explícitos

01 | 16/01/1928**Transcrição aparentemente integral**

Texto-base: S3, do início à assinatura. Sem cotejo com a edição impressa. A fonte data a carta antes do vocativo. Conservamos a redação dessa transcrição; variantes de S2 e S5 estão nas notas.

Heloísa, chegaram-me as duas linhas e meia que me escreveste. Pareceram-me feitas por uma senhora muito séria, muito séria! Muito antiga, muito devota, dessas que deitam água benta na tinta.

Tanta gravidade, tanta medida, só vejo em documentos oficiais. Até sinto desejo de começar esta carta assim: “Exma. Sra.: tenho a honra de comunicar a V. Exa. Etc.”.

Onze palavras! Imaginas o que um indivíduo experimenta ao receber onze palavras da criatura que lhe tira o sono? Não imaginas. E sabes o que vem a ser isso de passar horas da noite acordado, sonhando coisas absurdas? Não sabes. Pois eu te conto.

Sento-me à banca, levado por um velho hábito, olho com rancor uma folha de papel, que teima em conservar-se branca, penso que o Natal é uma festa deliciosa. Os bazares, a delegacia de polícia, a procissão de Nossa Senhora do Amparo... E depois o jogo dos disparates, excelente jogo. “Iaiá caiu no poço”. Ora o poço! Quem caiu no poço fui eu.

Princípio uma carta que devia ter escrito há três meses, não posso concluí-la. Fumo cigarros sem conta, olhando um livro aberto, que não leio. Dança-me na cabeça uma chusma de ideias desencontradas. Entre elas, tenaz, surge a lembrança de uma criaturinha a quem eu disse aqui em casa, depois da prisão do vigário, nem sei que tolices.

Apaga-se a luz, deito-me. O sono anda longe. Que vieste fazer em Palmeira? Por que não te deixaste ficar onde estavas?

Não consigo dormir. O nordeste, lá fora, varre os telhados. Na escuridão, vejo distintamente essa mancha que tens no olho direito e penso em certa conversa de cinco minutos, à janela do reverendo. Por que me falaste daquela forma? Desejei que o teto caísse e nos matasse a todos.

Andei criando fantasmas. Vi dentro de mim outra muito diferente da que encontrei naquele dia.

Por que me quiseste? Deram-te conselhos? Por que apareceste mudada em 24 horas? Eu te procurei porque endoideci por tua causa quando te vi pela primeira vez.

É necessário que isto acabe logo. Tenho raiva de ti, meu amor.

Fui visitar o padre Macedo. Falou-me de ti, mas o que disse foi vago, confuso, diante de dez pessoas. É triste que, para ter notícias tuas, minha filha, eu as ouça em público. Foram minhas irmãs que me disseram o dia do teu aniversário e me deram o teu endereço.

Tinhas razão quando afirmaste que entre nós não havia nada. Muito me fazes sofrer.

É preciso que tenhas confiança em mim, que me escrevas cartas extensas, que me abras largamente as portas da tua alma.

Beijo-te as mãos, meu amor.

Recomendo-me aos teus, com especialidade à dona Lili, que vai ser minha sogra, diz ela. Acho-a boa demais para sogra.

Amo-te muito. Espero que ainda venhas a gostar de mim um pouco.

Teu Graciliano

02 | 18/01/1928**Transcrição no site oficial, do início à assinatura**

Texto-base: S1, que indica Cartas, 8ª ed., Record, 2011, p. 117-120. Mantida a redação da página; apenas a apresentação foi reorganizada.

Heloísa:

Mandei-te uma carta pelo último correio e já a necessidade me aparece de falar novamente contigo. Se pudesse, empregaria todo o tempo em escrever-te, só para ter o prazer de receber respostas. Tenho tanto que te dizer... Nem sei por onde começar, fico indeciso, com a pena suspensa, vendo interiormente esses olhos que me endoideceram quando os vi pela primeira vez. Muitas coisas para dizer-te, mas coisas que só se dizem em silêncio e que talvez compreendas, se houver afinidade entre nós.

Santo Deus! Como isto é pedantesco! Eu desejava ser simples, dizer-te ingenuamente o que sinto e o que penso. Mas sentimento e pensamento, indisciplinados, não se deixam agarrar. Vou jogar aqui o que me vier à cabeça, à toa, sem ordem.

É verdade que és minha noiva? Não é possível, sei perfeitamente que tudo isto é um sonho, que vou acordar, que ainda estamos em princípio de dezembro, que tu não tens existência real. Esta carta nunca te chegará às mãos, porque não tens mãos, és uma criatura imaginária. A flor que me deste e que agora vejo, murcha, é simplesmente um defeito dos meus nervos. Beijando-a, tenho a impressão de beijar o vácuo. Já tiveste em sonho a consciência de estar sonhando? É assim que me acho. Vem para junto de mim e acorda-me.

Causaste uma perturbação terrível no espírito dum pobre homem que nunca te fez mal nenhum. Isto com certeza te dará alegria, porque todas vocês gostam de rasgar o coração da gente. Com esses modos românticos, esse rosto de santa que desce do altar, és uma fera. Vieste chamar-me para passar quinze horas a fio cercado de saias. E quando me tens seguro: “Ora meu caro senhor, deixe-se de histórias. Tudo isso foi pilhéria, não houve nada.”

Depois, uma reviravolta, estamos noivos. Ou não estamos? Ainda será engano meu?

Amo-te com ternura, com saudade, com indignação e com ódio. Confesso-te honestamente o que sou. Se te não agradam sentimentos tão excessivos, mata-me. Mas não me mates logo: mata-me devagar, deitando veneno no que me escreveres. Provavelmente sabes fazê-lo. Não devias ser como és.

Estou a atormentar-te, meu amor. Perdoa. Se não fosses como és, eu não gostaria de ti.

És uma extraordinária quantidade de mulheres. Quando me vieste pedir não sei que para o Natal, eras uma. Depois, em um só dia, ficaste duas, muito diferentes da primeira. Desejei ver qualquer das três e levei à casa do padre um bacharel que vendia livros. Apareceu-me outra. Daí por diante o número cresceu, cresceu assustadoramente. Na sexta-feira, antevéspera de tua partida, encontrei pelo menos vinte. No sábado, em nossa casa, havia uma na sala, outra na sala de jantar, dez ou doze ao pé da janela. És multidão. Como me poderei casar com tantas mulheres? O pior é que todas me agradam, não posso escolher.

Por que não te deixaste ficar mais uma semana? Por que não ficaste definitivamente?

Tenho recebido parabéns pelo meu novo estado, há quem suponha que me casei contigo. Era o que devíamos ter feito. Tudo tão fácil! E agora? Quanto tempo é necessário esperar ainda? Conheces algum padre que me possa casar sem confissão? Não estou disposto a ajoelhar-me aos pés de ninguém. Mentira: estou disposto a ajoelhar-me aos teus pés, a adorar-te.

Tenho o pressentimento de que te arrependeste do que fizeste. Está arrependida? Se estás, sê misericordiosa, não mo digas agora.

Quando me escreveres, dize-me com singeleza o que há em teu coração... contanto que não sejam coisas desagradáveis.

Que incoerências! Que disparates! Tudo por tua causa.

Adeus, meu amor. Recomendações a d. Lili (excelente amiga) e a todos os teus. Estou muito agradecido a teu pai por ter ouvido com resignação a arenga do padre Macedo.

Beijo-te as mãos. Teu Graciliano. Palmeira, 18 de janeiro de 1928.

03 | 20/01/1928

Fragmentos; grandes lacunas

Os blocos abaixo são testemunhos separados. A abertura e a despedida são explicitamente datadas por S4. O bloco do serviço postal é citado por S8 na página final dessa carta na edição de 2011. Não foi recuperada a sequência integral entre eles.

Fragmento 1. Continuidade não demonstrada.

Heloísa: As cartas que te envio já se vão tornando maçadoras, não é verdade? Ficas assustada, certamente, com a exuberância de tinta gasta, de papel inutilizado, e pensas, aflita, no trabalho que terás para dar resposta a tanta coisa. Não te preocupes. Não precisas consignar o que te mando num registro em que escrituras com paciência o assunto, a data, o número das palavras. Escreve-me quando tiveres tempo, a lápis, num pedaço de papel de embrulho. Não releias nem emendes: o que sair sai bem.

Fonte: S4, p. 67; cita Ramos, 1994, p. 92-94

Fragmento 2. Continuidade não demonstrada.

Enquanto não vou, podemos, se te agrada, ir conversando no papel, eu de cá e tu de lá, como diz a cantiga, descobrindo-nos um ao outro e aumentando, por patriotismo, as rendas do serviço postal.

Fonte: S8, p. 193; cita Ramos, 2011, p. 123

Fragmento 3. Continuidade não demonstrada.

Adeus. Vou sonhar contigo. Teu Graciliano. Palmeira, 20 de janeiro de 1928.

Fonte: S4, p. 67

04 | 24/01/1928**Fragmentos; ordem parcial**

Abertura, desenvolvimento e encerramento foram recuperados de fontes diferentes. A ordem dos blocos intermediários permanece por conferir. Os cortes do texto reproduzido por S9 foram mantidos.

Fragmento 1. Continuidade não demonstrada.

Minha querida noiva: Duas cartas e um retrato no mesmo dia deram-me, naturalmente, a tentação de abraçar a empregada do correio. Não havia perigo: é uma senhora respeitável.

Fonte: S8, p. 193-194; Ramos, 2011, p. 124

Fragmento 2. Continuidade não demonstrada.

Romântico! É exato, creio que me tornei romântico. Pior: tornei-me piegas, idiota. As minhas duas primeiras cartas são efetivamente um primor de maluquice. Entretanto, refletindo bem, reconhecerás que não tens razão. O estilo é pulha, com efeito, mas na essência tudo aquilo é verdadeiro. Realmente, que há de estranho em que um indivíduo ame com ternura, com saudade, com indignação e com ódio? Ficaste espantada! Pois eu me espantaria se te pudesse amar de maneira diferente. Querias que, tendo motivo para indignar-me, para odiar-te às vezes, todos os meus sentimentos ruins desaparecessem por milagre e eu me transformasse num santo? Não me transformo, felizmente. Sabes o que acontece? É que novos hóspedes de minha alma brigam com os que já lá estavam alojados: surgem contendidas medonhas, a polícia não intervém – e aparecem cartas como as que te escrevi.

Fonte: S9; fonte declara que transcreve apenas um trecho

Fragmento 3. Continuidade não demonstrada.

A vinte e quatro de dezembro eu julgava que te chamavas Ana Leite, a sete de janeiro era teu noivo. Julgas que perguntei a alguém se tinhas habilidades, se tocavas piano, se fazias flores de parafina? Não perguntei nada. Minha loucura revelou-me tudo de pronto, e acredito que ela não me haja enganado.

Fonte: S10, com data explícita de 24/01/1928; início também em S5, p. 27

Fragmento 4. Continuidade não demonstrada.

Passa de meia-noite, meu amor, e isto não é carta: é romance. Há quase três horas que te escrevo! Como terás coragem de ler semelhante estopada! Pobrezinha!

Fonte: S9 e S17; há corte antes e depois

Fragmento 5. Continuidade não demonstrada.

Ponho toda a ternura de que sou capaz em beijar-te o retrato. Teu. Graciliano. Palmeira, 24 de janeiro de 1928.

Fonte: S9 e S17; encerramento também em S5, p. 35

05 | 31/01/1928

Fragmentos; carta localizada em inventário

S13 registra esta carta em duas folhas no AEM/UFMG. A imagem das folhas não foi recuperada. Os trechos a seguir vêm de citações; o bloco que começa “Que te custa” é interior da carta, e não sua abertura.

Fragmento 1. Continuidade não demonstrada.

Meu amor: Tenho passado uns dias inquieto, muito inquieto, e algumas vezes a inquietação se transforma em angústia. Que há? Causei-te algum desgosto? Esperei notícias tuas quinta-feira passada. Nenhuma linha – e isto aqui se foi tornando insípido e deserto.

Fonte: S6, p. 49; Ramos, 2022, p. 145; também S5, p. 33

Fragmento 2. Continuidade não demonstrada.

Tenho a impressão de que há em redor de mim um desmoronamento, não encontro firmeza em nada, o próprio solo em que piso é traiçoeiro e cheio de perigos.

Fonte: S5, p. 33; após corte explícito; Ramos, 1996, p. 63-64

Fragmento 3. Continuidade não demonstrada.

Restava-me a certeza de que o correio de hoje me traria cartas. Nada! Uma semana sem falar contigo!

Fonte: S5, p. 34; Ramos, 1996, p. 63-64

Fragmento 4. Continuidade não demonstrada.

Mandei-te légua e meia de papel coberto de letra miúda. Talvez tenhas dito: – “Deixá-lo! Uma folha a mais ou uma folha a menos, não tira nem pão. Sempre quero ver se aquele pobre-diabo resiste sem receber resposta.” Resisto mal, muito mal.

Fonte: S6, p. 45, nota 5; Ramos, 2022, p. 146; também S5, p. 34

Fragmento 5. Continuidade não demonstrada.

Que te custa garatujar meia dúzia de períodos a lápis e metê-los num envelope? Achas razoável que eu passe horas da noite relendo as três folhas que me mandate e que sei de cor? É necessário que me mandes outras. Que avareza!

Fonte: S16; “mandate” consta da transcrição consultada, por conferir

Fragmento 6. Continuidade não demonstrada.

E desde que te vi (que horror, Deus do Céu!) meti os pés pelas mãos e foi aquela chusma de disparates que bem conheces.

Fonte: S7, p. 81; Ramos, 2011, p. 131; também S5, p. 33

Fragmento 7. Continuidade não demonstrada.

Escreve-me aí qualquer coisa, meu amor. Se te faltar assunto, se não houver em tua alma uma pequenina parcela de afeição para mim, manda-me dizer o romance que estás lendo, a cor da roupa que vestes, o enredo da última fita a que assististe.

Fonte: S6, p. 44, explicitamente datado; Ramos, 2022, p. 147; também S10

Fragmento 8. Continuidade não demonstrada.

Perguntas-me que me fizeram teus olhos. Transtornaram-me, é claro. Mas a ti fizeram coisa pior: enganaram-te. Não te serviram para ver-me. Foi a tua loucura que me viu, essa loucura que poderá chamar-se imaginação, loucura que povoa os céus, embeleza a terra e, aplicada aos seres infinitamente pequenos, faz que se modifique e tome forma apreciável um pobre diabo como eu.

Fonte: S6, p. 46-47; Ramos, 2022, p. 148; atribuição por continuidade de paginação, a conferir

06 | 04/02/1928**Transcrição extensa; integridade não confirmada**

Texto-base: S2. O arquivo termina sem assinatura e data. A data é corroborada em S16. Há erros aparentes e divergências documentadas nas notas; o texto não foi corrigido por conjectura. A republicação S15 não serve para preencher lacunas, pois elimina blocos presentes em S2.

Minha adorada: recebi quinta-feira tua carta de 31 do mês passado. Não te respondi logo porque tencionava ir a Maceió amanhã. Infelizmente uma visita de última hora veio obrigar-me a retardar a viagem, privando-me do maior prazer que eu poderia experimentar agora. Tem mais um pouco de paciência, espera mais alguns dias.

Quando recebi tua carta, tremi de susto, pois a angústia em que vivi uma semana por não me chegarem notícias tuas era horrível e me trazia toda a sorte de pressentimentos dolorosos. Ao ler o que me disseste, porém, apareceu-me uma alegria imensa. Não calculas o bem que me fizeste. Vejo perfeitamente que não tenho razão para ser hoje mais feliz do que era ontem, sei que escreveste aquilo forçada pela insistência quase impertinente que tenho adotado para contigo. Mas como és boa! Procuras dar-me a ilusão de que me amas, e isto me enche de gratidão infinita. Não tenho agradecimentos que bastem. Evitas a palavra precisa, fazes apenas um a e uma série de pontos, mas confessas que acreditas em mim, parece que ficaste contente com a minha pobreza, explicas como podes a indecisão e a reserva que tanto me fizeram sofrer.

A prefeitura? Sim, foi ela que interrompeu a viagem que eu tinha certa para amanhã. A propósito: que história é essa de posição elevada? Enganaram-te, minha filha. Para os cargos de administração municipal escolheram a preferência os imbecis e os gatunos. Eu, que não sou gatuno, que tenho na cabeça alguns parafusos de menos, mas não sou imbecil, não dou para o ofício e qualquer dia renuncio. Por tua culpa, meu amor, toco num assunto desagradável e idiota. Isto não vale nada.

Dizes que brevemente serás a metade de minha alma. A metade? Brevemente? Não: já agora és., não a metade, mas toda. Dou-te a alma inteira, deixa-me apenas uma pequena parte para que eu possa existir por algum tempo e adorar-te.

Humilhada porque és filha dum empregado público? Quem te falou em semelhante coisa? Se fosses filha do imperador do Japão, não me quererias, é claro, nem me verias nunca; mas se teu pai fosse um assassino, não deixarias por isso de ser Heloísa: eu te amaria como te amo e me casaria contigo.

Levantas uma pequena ponta do véu que estendes sobre o que escreves: "lamentas não terem sido mais venturosos para nós" os dias que aqui passaste. Há uma reticência no fim. E lá se foram por água abaixo os nervos fortes da moça. Falas nas lutas que tiveste, nas incertezas que te faziam avançar e recuar, nas esperanças e nas tristezas que sentias. Afinal gozavas de mim. Pouco, muito pouco, dona Lili me disse. Mas és tão boa, tens um coração tão grande, minha filha, que o pouco que me davas era demasiado para mim.

"Sonho do meu poeta"? Que é lá isso? Quando me chamaste romântico, perguntei-te por brincadeira se não ias chamar-me também poeta. Pensarás acaso que eu, quitandeiro e homem de ordem, me entregue a ocupações tão censuráveis?

Há uma pequena incoerência em tua carta. Declaras que ignoravas se o que "diziam os meus modos diziam também o meu coração", e pouco adiante afirmas que tinhas a certeza de que "eras amada".

Tinha ou não tinha? Tinhas. Quando me convidaste para passar um dia em casa do vigário, não viste como fiquei? Ouvindo a tua fala e dando de cara contigo, sem esperar, fiquei tão perturbado que nem sei que tolices disse. E quando te peguei, não me lembrei de soltá-la. Creio que ainda hoje a teria segura se dona Lili, falando-me, não sugerisse a vaga idéia de que era necessário cumprimentá-la também.

Amo-te com ternura e com saudade: a indignação e o ódio desapareceram. E como poderiam existir depois da carta que me escreveu a melhor de todas as criaturas, santa bendita exilada entre as mulheres, cheia de graça, que em breve dará calor e luz à vida escura e fria que levo? Romantismo, minha querida Heloísa, romantismo, e ruim.

Perguntas-me quando vou. Oh! meu Deus! Eu queria ir amanhã, desfiz a viagem a pouco. E estou aflito. O que eu devia fazer era deixar que o diabo levasse tudo e fugir para junto de ti. E é o que farei.

Acreditar na grande sinceridade de Heloísa? Decerto. Acredito em tudo quanto quiseses.

07 | 08/02/1928**Transcrição extensa com dois cortes explícitos**

Texto-base: citação na p. 81 de S11, consultada na versão textual indexada; o PDF não pôde ser baixado diretamente. Mantidos os dois marcadores de supressão da citação. Há ainda um fragmento independente em S12, cuja posição exata não foi estabelecida.

Minha idolatrada noiva: Acredita que não estou hoje contigo porque me foi impossível, inteiramente impossível, realizar a viagem domingo. Isto por aqui está em festa, mas, como podes imaginar, eu trocaria de boa vontade todas as festas do mundo pelo prazer de me encontrar junto de ti.

Tenho observado nestes últimos tempos um fenómeno estranho: as mulheres morreram. Creio que houve epidemia entre elas. Depois de dezembro foram desaparecendo, desaparecendo, e agora não há nenhuma. Vejo, é verdade, pessoas vestidas de saias pelas ruas, mas tenho a certeza de que não são mulheres. Esta observação vai como resposta à censura que me fazes de viver a ‘pensar meninices’. Quero ver se ainda me vais acusar depois de uma declaração tão importante. Morreram todas. E aí está explicada a razão por que tenho tanto apego à única sobrevivente.

A angústia acabou-se depois da tua penúltima carta. Sinto-me quase tranquilo. [...] Santo Deus! Então declaras que procedeste friamente, pesando tudo, e que para manter a palavra dada não retrocedes? Não fales assim. Ou fala, meu amor, se quiseses. Não tens culpa. A culpa é minha, que sou um sujeito de sensibilidade exagerada: coisas ditas inocentemente às vezes magoam-me. Amo-te tanto...

Felizmente, para afastar a impressão desagradável que recebi, há linhas deliciosas em tua carta. ‘Nada de desconfianças’! ordenas. E eu te acho encantadora assim. Estou a ver-te de rosto carregado, o dedinho erguido, a ameaçar-me. Eu recordo a manhã em que me vieste dizer: - ‘Quero que vá!’. Aliás nesse dia a ordem foi dada em voz trêmula, tinhas as mãos frias, a fortaleza dos nervos traiu-te desastrosamente. Logo vi que eras autoritária, e isto me seduz, porque não gosto dos indivíduos servís.

[...]

Adeus, minha noivinha amada. Estou a repetir-te as palavras. Até que enfim, pela primeira vez, foste humana, foste mulher. Decididamente as tuas últimas cartas, com exceção de duas linhas detestáveis, vieram do céu.

Adeus, minha santa.

Lembrança a todos,

Especialmente à Dindinha. Como vão os cabelos dela? Teu Graciliano.

Quarta-feira, 08.2.1928.

Fragmento 8. Continuidade não demonstrada.

Consideras-te rival da prefeitura, minha filha? Que lembrança! Há apenas entre mim e ela uma ligação precária, por três anos, mas se achas a ligação indecente, desmancho tudo e mando-a pentear macacos.

Fonte: S12, cita carta de 08/02/1928, p. 104; fragmento avulso, sem posição estabelecida

Notas de conferência

1. Esta é uma reunião parcial de testemunhos digitais, não uma edição integral nem uma reconstituição crítica concluída. Não foram inventadas frases para completar os intervalos. A existência de um texto do vocativo à assinatura não prova que ele esteja livre de cortes internos.
2. Carta de 16/01: S2 traz “Imagino”, “Não sabe”, “tornar-se branca”, “Por que me quisestes?” e “Tinha razão”. S3 traz “Imaginas”, “Não sabes”, “conservar-se branca”, “Por que me quiseste?” e “Tinhas razão”. S5 sustenta algumas formas de S3, mas também cita “onze palavras frias”, adjetivo omitido em S3. O texto-base S3 foi preservado sem produzir uma versão híbrida.
3. Carta de 04/02: S2 traz “escolheram a preferência”, “Afinal gozavas de mim”, “incertezas que que”, “Tinha ou não tinha?” e “quando te peguei”. S5, p. 31, cita “escolhem de preferência” e “Afinal gostavas de mim”. São variantes importantes. Nenhuma foi substituída silenciosamente. S15 elimina pelo menos os parágrafos sobre a filha de empregado público, o véu e o poeta, e repete erros de S2; não conta como testemunho independente.
4. Blocos Online (S18) remete à página de GeoCities preservada em S2. A multiplicação dos mesmos textos em sites diferentes não equivale a novas confirmações independentes.
5. Há conflito a resolver nas citações sobre a confissão de pecados. S6, p. 47-48, atribui a 20/01 os trechos “Queres que te conte os pecados? Não todos, porque há coisas que não conto. Alguns.” e “Não seria mau talvez, agora que estou ajoelhado a teus pés (figuradamente, é claro, porque não posso escrever numa posição tão incômoda), contar-te alguns pecados consideráveis, que um padre amável receberia por teu intermédio, atenuados ou carregados, conforme as tuas disposições para comigo”. Porém a remissão a Ramos, 2022, p. 142, requer cotejo com a divisão das cartas dessa edição. Permanecem aqui como fragmentos pendentes, sem encaixe artificial no corpo da terceira carta.
6. A ordem dos fragmentos das cartas 24/01 e 31/01 foi organizada apenas de forma aproximada, considerando abertura, encerramento e páginas citadas. Cada bloco conserva sua fonte. As quebras entre blocos são lacunas ou relações de continuidade ainda não demonstradas.
7. As transcrições foram separadas da prosa dos comentadores. Quebras de linha de extração e hifenização de fim de linha foram normalizadas nos fragmentos acadêmicos. Pontuação final de citação pode variar. Prefácio de José Paulo Paes, ilustrações e demais paratextos editoriais não foram reproduzidos.
8. A folha de sumário enviada pelo usuário, da 9ª edição de Cartas (2022), aponta a seção de 1928 na p. 127 e a seção seguinte na p. 157. As páginas impressas 127-156 são o alvo concreto para fechar o cotejo; o material enviado não contém esse miolo.

Registro da busca

Busca pelo título e variantes

Cartas de Amor a Heloísa, Heloisa, Eloisa; Cartas; datas, vocativos e frases internas. Os resultados relevantes foram confrontados por conteúdo, não apenas por título.

Catálogos e prévias

Google Books: registros sem leitura integral ou com prévia limitada; amostras da Record e lojas não forneceram o miolo de 1928. UFSC registra a obra, mas não disponibiliza seu texto. Livrebooks, TopLeituras e IndicaLivros não produziram PDF integral verificável.

Internet Archive e coleções em ZIP

Consultados metadados e listagens internas das coleções livros-famosos-em-portugues-ptbr-500 e livros-de-literatura-e-contos-portugues-656-livros. Os títulos de Graciliano encontrados nesses pacotes eram outras obras. Não foi baixado o ZIP inteiro para repetir a mesma verificação.

Indexadores e bibliotecas alternativas

Buscas dirigidas a Doceru, PDFCoffee, Scribd, FlipHTML5 e links de Drive não revelaram cópia integral confirmada. Anna's Archive e Welib apresentaram verificações de acesso que impediram examinar os resultados; isso não permite afirmar que não possuam a obra.

Transcrições e repositórios acadêmicos

Recuperados S1-S12 e S16-S18. Foram baixados PDFs válidos de UFMG, UFC, UFS, USP, UFAL, UFF, MEC e a dissertação de Schmitz. UFAL e Schmitz não forneceram sequência integral das sete cartas.

Arquivos históricos

S13 localiza especificamente a carta de 31/01/1928 em duas folhas no AEM/UFMG. S14 oferece os canais do acervo. O inventário é evidência de localização, não reprodução da carta. A Casa Graciliano publica outras 14 cartas a Joaquim Pinto da Motta Lima Filho, sem preencher este conjunto amoroso.

Pontos ainda abertos

Cotejar as páginas 127-156 de Cartas (2022); localizar imagens da carta de 31/01 no AEM/UFMG; consultar os manuscritos da correspondência a Heloísa no IEB-USP; recuperar uma edição escaneada para eliminar variantes e demonstrar integralidade. Nenhum contato externo foi enviado.

Pista documental prioritária

AEM/UFMG, Inventário do Acervo Graciliano Ramos, p. 1: carta a Heloísa, Palmeira dos Índios, 31 de janeiro de 1928, duas folhas. O inventário não indica código individual do item. Contatos publicados em S14: acemg@bu.ufmg.br; (31) 3409-4624 e (31) 3409-6079. A obtenção de cópia dessas folhas é uma etapa pendente, não uma recuperação já realizada.

Fontes e proveniência

Os identificadores S1-S18 remetem às fontes abaixo. Data de consulta: 30 de outubro de 2026. Os números de página indicados junto aos fragmentos são os da fonte acadêmica ou da edição que ela cita, conforme indicado.

S1 | Carta de 18 de janeiro no site oficial de Graciliano Ramos

<https://graciliano.com.br/2012/06/jun-12-carta-a-heloisa-medeiros/>

S2 | Duas cartas na antiga página de GeoCities, preservada no ooCities

<https://www.oocities.org/gracilianoramos/cartade.htm>

S3 | Vítor França Galvão, transcrição da carta de 16 de janeiro (2025)

<https://cronicasdovitor.com/cartas-1-o-outro-lado-dos-escritores/>

S4 | José Gaston Hilgert, Fundamentos para o estudo da oralidade na escrita (2015), p. 67

<https://revistas.usp.br/flp/article/download/108788/108680/197684>

S5 | Aline Correa dos Santos, O discurso amoroso em Graciliano Ramos (UFMG, 2014), p. 27-35

<https://repositorio.ufmg.br/server/api/core/bitstreams/bf57104b-efeb-4cee-bf2c-2dbfa2340d01/content>

S6 | Thalita de Oliveira Simões Banhos, Entre desarranjos e desejos (2024), p. 44-50

<https://periodicos.ufs.br/apaloseco/article/download/n18p42/n18p42/74244>

S7 | Para dizer o quanto te amo: a correspondência amorosa de Graciliano Ramos (Entrelaces, 2019)

<https://periodicos.ufc.br/entrelaces/article/view/39873/99093>

S8 | Vanessa Massoni da Rocha, Por um protocolo de leitura do epistolar, p. 193-194

https://app.uff.br/riuff/bitstream/handle/1/9788/tese_%20Por%20um%20protocolo%20de%20leitura%20do%20epistolar%20de%20Vanessa%20Massoni%20da%20Rocha.pdf?isAllowed=y&sequence=1

S9 | Débora Rosane, Cartas ridículas, escritores idem (2008)

<https://bydebby.blogspot.com/2008/06/cartas-ridiculas-escritores-idem.html>

S10 | Acheronta Movebo!, À espreita de Graciliano (2009)

https://moveboacheronta.blogspot.com/2009_01_25_archive.html

S11 | Victor Hugo da Silva Vasconcellos, Ensaio sobre o discurso amoroso (PUC-SP, 2015), p. 81; texto indexado consultado

<https://tede2.pucsp.br/bitstream/handle/14346/1/Victor%20Hugo%20da%20Silva%20Vasconcellos.pdf>

S12 | Ultramar, Procopiuck e Jazar, O prefeito Graciliano Ramos pelo olhar da Gestão Urbana contemporânea (2017)

<https://www.scielo.br/j/rbeur/a/ctCSgGsmTPfvfMzBB8GF3Kw/?lang=pt>

S13 | Inventário do Acervo Graciliano Ramos, AEM/UFMG, p. 1

<https://sites.lettras.ufmg.br/aem/wp-content/uploads/2023/06/Inventario-GRACILIANO-RAMOS.pdf>

S14 | Acervo de Escritores Mineiros: página de Graciliano Ramos

<https://sites.lettras.ufmg.br/aem/graciliano-ramos/>

S15 | Repórter Nordeste, republicação da sexta carta (2012), com omissões

<https://reporternordeste.com.br/carta-de-graciliano-ramos-para-heloisa-a-amada/>

S16 | Felipe Jucá, Graciliano Ramos e sua paixão, seleção de frases (2012)

<https://www.recantodasletras.com.br/cronicas/3953709>

S17 | MEC, material e-Tec de Língua Portuguesa, fragmentos da quarta carta

https://redeetec.mec.gov.br/images/stories/pdf/eixo_amb_saude_seguranca/tec_seguranca/portugues/061112_ling_port_a13.pdf

S18 | Blocos Online, duas cartas; remissão à antiga página de GeoCities

<https://www.blocosonline.com.br/literatura/prosa/cl/cl04/cl040515.htm>